

“PARA O BEM ESTAR, SAÚDE E SEGURANÇA DO POVO”: AS AÇÕES DO JORNAL O NORDESTE NA BATALHA CONTRA A LEPRA NO CEARÁ (1922-1928)

Francisca Gabriela Bandeira Pinheiro*

RESUMO

Este artigo tem por objetivo realizar uma análise das ações e das contribuições do jornal O Nordeste na batalha contra a *lepra* no Ceará, utilizando como ilustração dessa luta, a participação fundamental deste periódico na edificação do leprosário Antônio Diogo, primeira instituição de isolamento para *leprosos* no estado. Destaca-se em nossa análise como o referido periódico trouxe para suas páginas, o uso de um conjunto de metáforas relacionadas à *lepra*, que despertaram tanto a caridade, quanto o medo, no sentido de legitimar a necessidade da construção de uma leprosaria a fim de afastar os doentes da convivência com a população sã.

Palavras-chaves: *Lepra*; Jornal O Nordeste; Isolamento; Metáforas.

ABSTRACT

This article aims to carry out an analysis of the actions and contributions of the newspaper O Nordeste in the battle against leprosy in Ceará, using as an illustration of this struggle, the fundamental role of this journal in building the leprosarium Antonio Diogo, first institution of isolation for lepers in the state. Stands out in our analysis as the newspaper brought to its pages, the use of metaphors related to leprosy, which aroused charity, and fear, in order to legitimize the need of building a leprosarium in order to avoid patients coexisted with the healthy population.

Keywords: *Leprosy*; Newspaper O Nordeste; Isolation; Metaphors.

* Discente no Mestrado Acadêmico em História e Culturas (MAHIS-UECE), com bolsa da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP-CE). Graduada em História pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Este artigo foi desenvolvido a partir da pesquisa monográfica “Não esperemos só pela ação do governo, a calamidade é pública”: a atuação do jornal O Nordeste no combate à *lepra* em Fortaleza (1922-1930), sob orientação da Prof. Dra. Zilda Maria Menezes Lima. E-mail: gabrielabandeira@live.com.

INTRODUÇÃO

A *lepra*¹ foi uma doença que atingiu a cidade de Fortaleza mais incisivamente no início do século XX, e mais precisamente na década de 1920, segundo os jornais da época e os relatórios das autoridades em saúde. Por ser uma enfermidade considerada profundamente contagiosa no período em questão², foi alvo de vários discursos que partiam não só dos médicos, mas de diferentes setores da sociedade.

O jornal O Nordeste³ foi um dos principais pilares do combate à doença na cidade, na medida em que, a partir de 1922, questionou fortemente as autoridades competentes acerca da tomada de medidas efetivas para o combate ao *grande mal*. O referido periódico, de orientação católica, insistia na sua defesa para a construção de um leprosário, enfatizando que era absolutamente necessário que os acometidos pela doença fossem afastados dos “sãos”. Foi possível identificar que tal defesa partiu de duas ideias centrais exploradas de modo concomitante pela folha católica: o medo e a caridade⁴. Importante destacar que nos primeiros anos da década de 1920, o isolamento compulsório dos acometidos de lepra não era ainda unanimidade – se é que foi, em algum momento, entre os setores médicos e muito menos para a sociedade em geral. Neste sentido, a defesa que O Nordeste fazia da segregação dos enfermos já neste momento, pode ser considerada uma ação “arrojada” posto que em vários pontos do país, era ainda muito delicada a proposição do isolamento radical dos doentes.

Assim, o jornal O Nordeste se utilizou de um conjunto de metáforas que provocavam o medo e ao mesmo tempo incitavam a caridade na população, objetivando legitimar diante da sociedade cearense, a segregação dos doentes de *lepra*. Para corroborar com essa ideia, parte-se do conceito de metáfora de Susan Sontag:

¹A *lepra* hoje é denominada de Hanseníase. Optou-se por usar o termo *lepra* para não criar anacronismos, já que, durante o recorte dessa pesquisa, a doença era conhecida dessa forma. Mas, sempre que se usar o termo *lepra* e seus derivados, utilizar-se-á o itálico.

²CUNHA, Vívian. **O Isolamento compulsório em questão**: Políticas de combate à lepra no Brasil (1920-1941). Dissertação de mestrado em História das Ciências - Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2005.

³O jornal O Nordeste foi um periódico cearense de orientação católica que teve sua primeira edição em circulação no ano de 1922. Seu objetivo inicial foi difundir os ideais católicos entre a sociedade cearense através dos discursos que eram proferidos nas páginas do referido jornal.

⁴A discussão sobre a piedade e o medo relacionada à *lepra* foi realizada por Antonio Ferreira em sua dissertação e serviu de ponto de partida para esse trabalho, já que também encontramos essa relação em nossa análise do jornal O Nordeste, por isso também fazemos essa reflexão. Cf: FERREIRA, Antonio. **“Lazaropolis”**: A lepra entre a piedade e o medo (Ceará, 1918-1935). Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, Dissertação de Mestrado, 2011.

Quero analisar não como é de fato emigrar para o reino dos doentes e lá viver, mas as fantasias sentimentais ou punitivas engendradas em torno dessa situação: não se trata da geografia real, mas dos estereótipos do caráter nacional. [...] Meu tema não é a doença física em si, mas os usos da doença como figura ou metáfora⁵.

Assim, entende-se por metáfora, neste caso, qualquer tipo de afirmação que retire o sentido real da doença para um lado sentimental e/ou punitivo, levando a enfermidade e o seu portador a serem alvos de certos posicionamentos baseados nessa concepção. Tais metáforas são constantes no jornal O Nordeste quando aborda a *lepra*, pois procurava retratar a doença como perigosa, contagiosa, assustadora bem como também construía metáforas que distorciam a imagem física e psicológica do doente de *lepra*, despertando inicialmente o medo e posteriormente, a caridade entre a população.

Dessa forma, busca-se nesse ensaio analisar como o jornal O Nordeste contribuiu para o isolamento dos doentes de *lepra* no Ceará, organizando uma grande rede de doações e campanhas para a edificação da primeira leprosaria cearense. Porém, não foi só isso, a manipulação das metáforas do medo e da caridade em seus discursos, contribuíram, indubitavelmente, para a legitimação do isolamento compulsório entre a sociedade cearense.

Para fazer essa análise, começa-se tecendo algumas considerações acerca da relação histórica da Igreja Católica com os doentes (e conseqüentemente, com as doenças), mostrando nesse caso particular, como se deu a ligação do jornal O Nordeste com a *lepra* enquanto doença. Depois, analisa-se os artigos e matérias publicados na folha católica, destacando a defesa do isolamento de *leprosos*, e, por último, aprofunda-se a análise nas campanhas caritativas que foram encetadas pelo citado jornal, em conjunto com vários setores da sociedade, para a edificação da leprosaria.

A IGREJA E A DOENÇA: RELAÇÕES ENTRE O JORNAL O NORDESTE E A LEPROSA

Historicamente, a Igreja Católica teve importante relação com a prática da caridade, tornando-a um dos pilares do exercício da fé.

⁵SONTAG, Susan. **Doença como metáfora/AIDS e suas metáforas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p.11.

HISTÓRIA E CULTURAS

Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico em História da UECE

A ação da Igreja Católica através da caridade, no Brasil, remonta ao período do Império Ultramarino Português. De acordo com Caio Prado Júnior, a Igreja atuava neste período como integrante do quadro burocrático e administrativo lusitano e a ela caberia ‘...a assistência social ao pauperismo e indigência, à velhice e à infância desamparadas; aos enfermos etc.’ Atuava, principalmente, através das misericórdias que pela manutenção de um hospital, em muito contribuíam para o socorro aos pobres. A importante função social destas instituições foi também destacada por Renato Pinto Venâncio em estudo sobre a roda dos enjeitados (Casa da Roda), ligada ao hospital da Misericórdia, que então cuidava de amparar crianças abandonadas pelas ruas das cidades de Salvador ou do Rio de Janeiro⁶.

Assim, a ideia de ajudar os mais necessitados é algo constante nos discursos da Igreja para com o seus fiéis, sempre remontando à ideia de que a caridade é um ideal cristão e pregado na bíblia.

Com o desenvolvimento de nosso estudo, verificamos que, impelidos pela concepção cristã de caridade, grupos de voluntários católicos praticam uma assistência baseada na idéia do amor fraterno às famílias carentes, mendigos, doentes, crianças abandonadas, deficientes físicos e mentais, assistência essa que não visa interesses pessoais ou recompensas materiais. Para exercê-la, segundo essa concepção, o critério exigido é a vontade de servir ao próximo, por ser um dever cristão para com os desfavorecidos, demonstrando, assim um espírito nobre. Essa concepção de caridade podemos encontrar em várias passagens da Bíblia, e a Igreja Católica, em virtude de sua hegemonia em nossa sociedade, difundiu-a por meio de um discurso repetitivo e moral, objetivando o equilíbrio e a harmonia entre os diferentes segmentos sócias, evitando assim, o perigo de conflitos e revoltas daqueles que se encontram na miséria⁷.

Dessa forma, a Igreja Católica difundiu esses ideais, que trazem a caridade como uma obrigação que deve ser feita sem nenhum interesse próprio. O jornal O Nordeste possuía uma relação muito forte com a Igreja, pois além de divulgar os ideais católicos, sempre tinha em seu corpo editorial intelectuais de orientação católica reconhecidos no Ceará, como Manuel Antônio de Andrade Furtado, que foi nomeado o primeiro redator-chefe do periódico e que, durante o recorte de nossa pesquisa, não se afastou do cargo que lhe foi destinado. Dessa forma, a menção a Igreja Católica e seus ideais era uma premissa constante na folha.

<O Nordeste> será um paladino forte da fé, um elemento de ordem em todas as circunstâncias e uma vigilante garantia do principio de autoridade. <O Nordeste>, será em todas as epochas, um destemido soldado da pátria, um amigo devotado da

⁶PINTO, Jefferson de Almeida. A Caridade e a Ordem: ação e contribuição da cristandade na organização do espaço público da cidade de juiz de fora na passagem à modernidade oitocentista. In: **Anais do XXIII Simpósio Nacional de História**, Londrina, 2005.

⁷SILVA, Claudia. Igreja católica, assistência social e caridade: aproximações e divergências. In: **Sociologias**, Porto Alegre: ano 8, nº15, jan/jun 2006, p.326-351, p.327.

familia, um servo fiel dos que padecem, e com a graça de Deus, um fervoroso apóstolo da Religião⁸.

Diante disso, o discurso da caridade para com os necessitados, também é disseminado nas páginas da folha católica:

O dever dos mais favorecidos da sorte não é somente coadjuvar e applaudir os commettimentos dos que trabalham pelo sustento da pobreza desvalida, pela educação profissional e religiosa dos desamparados da sorte, pela elevação moral, emfim, da sociedade: o nosso dever é coadjuvar e applaudir devéras, isto é, auxiliando cada um, como puder, a acção dos que abnegadamente, movidos tão somente pela fé e pelo amor á religião, se collocam á frente desse movimento de beneficencia e regeneração⁹.

Assim, a relação do jornal O Nordeste com os ideais caritativos defendidos pela Igreja Católica possibilitou uma atuação de cuidado com os doentes, já que eram vistos como necessitados perante a sociedade:

A Igreja desde seus primórdios esteve envolvida na assistência, nas terapias e nos cuidados aos doentes. Mas também, na acusação moral e na segregação deles. A relação entre doença – doente – Igreja é bastante paradoxal. A historiografia observa que ao mesmo tempo que a Igreja atuava em prol dos doentes, condenava estes indivíduos, pregando que sua doença era proveniente de seus pecados, principalmente no tocante às doenças contagiosas.[...] Segundo o Catolicismo, a “purificação” da alma do doente representava o sofrimento decorrente da doença, além de seu afastamento da sociedade em hospitais sob seu cuidado. No que se refere à lepra, a condenação transitava em várias esferas de preconceito que a própria Igreja impunha¹⁰.

Dessa forma, os discursos católicos procuravam objetivar a necessidade e a responsabilidade de cuidar dos enfermos, através da caridade cristã. Porém, essa caridade não deve ser vista através da ótica do desinteresse, pois, em muitos casos, e no caso específico da *lepra*, as práticas caritativas pareciam ser geradas pelo medo que a doença representava, seja medo do pecado, concepção altamente difundida na Idade Média, seja medo do contágio, pensamento bastante presente nos séculos XIX e XX.

Trazendo essas reflexões para a doença que será analisada em nosso artigo, informa-se que a *lepra* é uma enfermidade que tem a sua origem em tempos muito antigos:

⁸Realidade Consoladora. O Nordeste. Fortaleza: 7 de julho de 1922, p.1.

⁹Acção da caridade no Ceará. O Nordeste. Fortaleza: 17 de novembro de 1922, p.1.

¹⁰PROENÇA, Fernanda. **Os escolhidos de São Francisco: Aliança entre Estado e Igreja para a profilaxia da lepra na criação e no cotidiano do Hospital Colônia Itapuã – (1930-1940).** Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Dissertação de Mestrado, 2005, p.59.

A *lepra*, hoje hanseníase, parece ser uma das mais antigas doenças que acometem o homem. Não parece haver notícias dessa enfermidade em período anterior aos sinais encontrados em esqueletos descobertos no Egito, datando do século II AC. Na Antiguidade, a *lepra* parece ter sido freqüente e os gregos antigos a denominavam de *elefantíase*. O termo *lepra* parece ter sido usado por Hipócrates que a definia como doença de pele com lesões escamosas. Apesar de caracterizada como uma doença “Bíblica”, estudiosos afirmam não existir referências diretas nas Escrituras ao termo *lepra*. Esclarecem que no século II depois de Cristo, nas atividades da Biblioteca de Alexandria, a doença do Levítico foi traduzida para o grego como *lepra*. Séculos depois, a igreja medieval teria sustentado que as lesões citadas pelas Escrituras eram sinais de impureza decorrentes de graves pecados, capazes de despertar a ira divina. Nesse sentido, as pessoas acometidas pelas infecções estariam sendo castigadas por Deus¹¹.

Dessa forma, a ideia da *lepra* como um castigo divino vem de tempos muito remotos e conseguiu permanecer através do tempo, endossada pelo imaginário cristão. Porém, entende-se que no recorte trabalhado em nossa pesquisa (1922-1928), a concepção da *lepra* como um pecado perde força, abrindo espaço para uma nova maneira de se compreender a enfermidade:

Nesse momento, a *lepra* vai perdendo sua concepção hegemonicamente teológica (que remonta ao período medieval). Ela não se constitui mais simplesmente como uma manifestação da ira divina; [...]. O leproso vai aos poucos sendo dominado por um outro saber. A *lepra* agora possui, hegemonicamente, uma dimensão médica. Ela é concebida como uma doença bacteriana, cujo mecanismo de transmissão é assunto de grandes debates e controvérsias entre médicos, cientistas e higienistas. E isso incide na forma de se temer a *lepra*. Na concepção teológica medieval, segundo alguns autores, o medo da *lepra* era, sobretudo o medo do pecado. No século XIX, embora o medo teológico não desapareça, o que se teme fundamentalmente é o contágio (ser contaminado pelo bacilo da *lepra*)¹².

Percebe-se a doença já sendo vista por outra ótica, a médica, na qual ela não tem mais como causa um grande pecado e os seus acometidos não são apenas pecadores, e sim um momento no qual a *lepra* é vista como uma enfermidade contagiosa¹³ causada por um bacilo¹⁴

¹¹LIMA, Zilda. Op. Cit. 2007, p. 48.

¹²FERREIRA, Antônio. Op. Cit. 2011, p. 19.

¹³Hoje se sabe que a hanseníase não é uma doença de fácil propagação: “A hanseníase, também conhecida por *lepra*, é uma das menos contagiosas de todas as doenças infecciosas. Essa doença, cujas vítimas são consideradas “intocáveis” e que, durante séculos, foram proscritas pela sociedade, é muito difícil de se transmitir de uma pessoa para a outra. Difícil até que ponto? Mais de 90% da população do mundo não conseguiu pegar *lepra*, mesmo que tentasse, e o restante, provavelmente teria que viver com um paciente doente durante anos para que pudesse contrair a doença.” FARREL, Jeanette. **A Assustadora História das Pestes e Epidemias**. São Paulo: Ediouro, 2003, p. 65 e 66.

e seus doentes como um perigo para a sociedade, devido à possibilidade do contágio. Dessa forma, um novo olhar sobre a *lepra* foi construído. Assim, é importante destacar que, embora no período abordado os médicos possuíssem opiniões diferentes sobre a forma de transmissão da doença¹⁵, no Ceará prevalecia a teoria do contágio direto, em que a maioria dos médicos defendia a ideia da *lepra* como uma doença muito contagiosa, portanto, perigosa cujos acometidos deveriam ser isolados da população sã¹⁶.

Nesse contexto, em que a *lepra* é vista como uma doença profundamente contagiosa e o *leproso* um pária social¹⁷, que deveria ser afastado dos principais pontos da cidade, destaca-se o papel do jornal O Nordeste. O interesse do periódico na *lepra* é perceptível a partir do momento em que se torna um grande divulgador do perigo que a doença representa e conseqüentemente da necessidade de edificação de um leprosário no Ceará, utilizando para legitimar sua defesa, discursos que relacionavam caridade e medo.

A caridade, como já foi enunciado, era um ideal cristão que estava bem representado na folha católica, devido a influência da religião. Já a ideia dos discursos sobre o medo surge em um contexto que a *lepra* era vista como altamente contagiosa, o que possivelmente contribuiu para as metáforas utilizadas pelo jornal O Nordeste para abordar a doença.

Mas, é importante destacar que os doentes não só foram afastados pelo medo do contágio, mas também pelo contexto “civilizador” em que a cidade de Fortaleza procurava se enquadrar:

Em Fortaleza, capital do Ceará, assistiu-se também, a partir mesmo da segunda metade do século XIX e com mais intensidade durante a Primeira República (1889-1930), a semelhantes tentativas de *regeneração urbana*. Problematizando a existência, na cidade, de faltas, desvios e perigos naturais e sociais que comprometiam uma apregoada necessidade de torná-la um centro desenvolvido e civilizado, um movimento considerável de discursos e práticas emergiu e procurou –

¹⁴Gerhard Henrik Armauer Hansen, em 1874, confirmou que a *lepra* era uma doença que tinha como causa um bacilo denominado de *Mycobacterium leprae*, o que deu força para a concepção da *lepra* como uma doença contagiosa. CUNHA, Vívian. Op. Cit. 2005.

¹⁵Existiam três teorias da forma de transmissão da *lepra*: um grupo acreditava que a *lepra* era hereditária; já o outro defendia a transmissão por contato indireto, através de um vetor; e o último acreditava na contagiosidade direta da moléstia, afirmando que ela era transmitida pelo contato direto entre um indivíduo doente e um sadio. FERREIRA, Antonio. Op. Cit. 2011.

¹⁶Ibidem.

¹⁷Sujeitos que eram considerados como uma força de desordem e de perigo para os outros habitantes da cidade e para andamento do processo modernizador e que, por isso, deveriam ser afastados. Cf: Ibidem.

HISTÓRIA E CULTURAS

Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico em História da UECE

sobretudo através de estratégicas medidas embelezadoras, saneadoras e higienistas – ordenar seu espaço e disciplinar sua população¹⁸.

Assim, Fortaleza vivia um processo modernizador, na qual foi alvo de uma remodelação, como o esquadrinhamento feito através do Plano Urbanístico de 1875 e do aformoseamento das principais praças da cidade; de uma disciplinarização social, como a inspeção das camadas populares; e de uma higienização pública, onde se tinha a intenção de sanear a cidade para torná-la salubre e medicar a sociedade, a fim de formar uma população forte e saudável¹⁹. Pois, se considerava que “sem um satisfatório estado sanitário não haveria civilização nem produção de riqueza”²⁰. Desse modo, nesse processo se tinha a intenção de:

[...] subtrair o horrível da vida; embora esse horrível fosse teimoso e voltasse a transbordar nas próprias estratégias arquitetadas por essa “modernidade”, constituindo dessa forma uma contenda, uma relação de forças em disputa. Foi aqui, por um lado, que o leproso assim como também o louco, a meretriz, o mendigo foram se constituindo como o estranhamento do outro, dando contorno e forma a identidades pensadas, percebidas e tratadas como deterioradas – como presenças nomeadas da diferença²¹.

É também nessa ótica, que a questão da *lepra* é abordada no jornal O Nordeste, pois a enfermidade era vista como contrária a esse processo modernizador, não só por ser uma doença, mas também pelos efeitos que ela causava nos acometidos por ela, pois a *lepra* era:

Conhecida como doença feia, hedionda, que contraria a beleza das formas e a integridade física, em franco desacordo com os cânones estéticos, a *lepra* foi responsável pela desfiguração dos traços da face e do corpo e, conseqüentemente, pelas dores físicas e psíquicas que sofriam os seus portadores²².

Dessa forma, a *lepra* no jornal O Nordeste foi tratada sob duas óticas: a da caridade cristã e a do medo, como já foi dito. Ambos os aspectos eram abordados através de metáforas, que criavam uma concepção distorcida da *lepra* e dos *leprosos*. A utilização dessas metáforas, de certa forma, facilitou a aceitação do isolamento como medida de combate a doença, pois o jornal sempre retratava a *lepra* como uma enfermidade de alto perigo,

¹⁸PONTE, Sebastião. **Fortaleza Belle Époque: Reformas Urbanas e Controle Social (1860-1930)**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001, p.17.

¹⁹Ibidem.

²⁰Ibidem, p. 20.

²¹FERREIRA, Antonio. Op. Cit. 2011, p.30-31.

²²LIMA, Zilda. Op. Cit. 2009, p. 91.

despertando o medo na população e fazendo com que a sociedade sentisse necessidade de afastar os *leprosos* dos principais pontos da cidade, inicialmente.

Além do medo, as metáforas também despertaram a caridade, sobretudo sobre dois aspectos: a ideia era prestar assistência em virtude do medo e promover auxílio aos doentes por piedade, já que, ao mesmo tempo em que os doentes eram relacionados a um perigo em potencial, eles também eram tratados como pobres vítimas infelizes. Dessa forma, reafirmamos que a caridade para com os *leprosos* não pode ser vista sob a ótica do desinteresse, já que, muitas vezes, ela era despertada pelo medo e pela necessidade de afastar o perigo que a enfermidade representava.

Esses dois tipos de discursos foram utilizados para legitimar a prática do isolamento compulsório dos doentes, que acabou sendo considerada, no período, como a melhor forma de se combater o avanço da *lepra*. Assim, aborda-se nos tópicos seguintes como, de 1922 a 1928, o jornal O Nordeste contribuiu para a legitimação efetiva do isolamento compulsório no Ceará, bem como para a construção do primeiro leprosário do estado.

“NÃO ESPEREMOS SÓ PELA AÇÃO DO GOVERNO, A CALAMIDADE É PÚBLICA”: O JORNAL O NORDESTE E O DISCURSO A FAVOR DA CONSTRUÇÃO DE UM LEPROSÁRIO NO CEARÁ.

O discurso isolacionista relacionado à *lepra* foi algo que começou a tomar corpo no Brasil a partir dos setores médicos que defendiam a segregação do doente como a alternativa mais correta para o combate à doença²³. O discurso médico isolacionista teve início na Primeira Conferência Internacional de Leprologia, realizada em outubro de 1897, na cidade de Berlim. A partir dessa conferência o isolamento passou a ser considerado indispensável para o controle da *lepra*, pois ele havia sido empregado na Noruega e seus resultados foram considerados positivos. Essa medida foi fielmente defendida por Hansen²⁴,

²³É preciso deixar claro que nem todos os médicos eram a favor do isolamento e houve um grande debate acerca da necessidade ou não de isolar os doentes. Os grandes médicos e higienistas do país não eram unânimes em relação ao isolamento compulsório. Cf: *Ibidem*.

²⁴Gerhard Henrik Armauer Hansen foi um médico norueguês nascido em 1841. Ele foi responsável, em 1874, pela confirmação da *lepra* como sendo causada por um bacilo, o *Mycobacterium leprae*. Cf: BECHLER, Reinaldo. Re-conhecendo Armauer Hansen: o cientista da *lepra* e o personagem histórico. In: **Fronteiras**, Dourados: v.13, nº23, jan/jun 2011, p. 59-96.

HISTÓRIA E CULTURAS

Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico em História da UECE

pois a considerava vantajosa, chegando até a afirmar que ela teve resultados tão bons na Noruega, que vários leprosários foram fechados porque não eram mais necessários²⁵.

Mesmo assim, no Brasil, as ações oficiais de combate à *lepra* só iniciaram-se a partir de 1920 com a Criação do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP) que, internamente, possuía uma divisão exclusiva para o tratamento da *lepra*: a Inspeção de Profilaxia da *Lepra* e Doenças Venéreas (IPLDV) que, legalmente, deveria cuidar da profilaxia dessa doença em todo território nacional. Para definir a atuação desse novo serviço, entre outros, foi aprovado o Regulamento Sanitário de 1920. Acerca do combate à *lepra*, tal regulamento preconizava que o isolamento compulsório tanto o nosocomial como o domiciliar²⁶ seria, a partir de então, a principal medida profilática contra a doença.

Com relação ao Ceará, a IPLDV criou em agosto de 1921, o Serviço de Profilaxia da *Lepra* e Doenças Venéreas (SPLDV), que tinha o objetivo de realizar o combate a essas enfermidades no estado. Porém, a *lepra* acabou sendo deixada de lado por esse órgão, já que a incidência de sífilis na capital era alarmante²⁷. Apesar do regulamento de 1920 ter dado mais atenção à *lepra*, ele foi alvo de duras críticas no periódico *Brazil Médico*²⁸, o que acarretou revisões, mas, mesmo assim, o regulamento acabou sendo tirado de circulação em 1921. Apenas em 1923 é que foi aprovado um novo regulamento sanitário, que vigorou durante toda a Primeira República, chegando até a ultrapassar as reformas ocorridas no Governo Provisório²⁹. Com relação à *lepra*, esse o novo regulamento exigia:

[...] a notificação obrigatória, como a prescrita para outras doenças infecciosas; no exame periódico dos comunicantes, como meio de descobrir novos casos; e no isolamento nosocomial em colônias ou mesmo em domicílio, desde que cumprindo uma série de condições. [...] O isolamento prescrito no código sanitário poderia ser de dois tipos. O nosocomial deveria ser praticado preferencialmente em colônias-agrícolas, admitindo-se sanatórios, hospitais, asilos, quando as condições locais o permitissem, ou quando o reduzido número de leprosos não exigisse o estabelecimento de uma colônia. O isolamento domiciliar só deveria ser consentido

²⁵MACIEL, Laurinda. **Em proveito dos sãos perde o lázaro a liberdade**: Uma História das Políticas Públicas de Combate à Lepra (1941-1962). Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, Tese de Doutorado, 2006.

²⁶CUNHA, Vívian. Op. Cit. 2005.

²⁷LIMA, Zilda. Op. Cit. 2009.

²⁸ O periódico "*Brazil Médico*" surgiu em 15 de janeiro de 1887. Era uma revista publicada semanalmente e tinha um vínculo com a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e com a Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro. Um dos principais objetivos da revista era comentar as experiências e pesquisas dos médicos nacionais e divulgar as experimentações novas desenvolvidas no Rio de Janeiro. MENDES, Maria; NÓBREGA, Terezinha. O *Brazil-Médico* e as contribuições do pensamento médico-higienista para as bases científicas da educação física brasileira. In: **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**, v.15, n.1, p.209-219, jan.-mar. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008.

²⁹CUNHA, Vívian. Op. Cit. 2005.

HISTÓRIA E CULTURAS

Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico em História da UECE

para os casos não-contagiantes ou quando as condições financeiras do doente admitissem a adoção das medidas profiláticas consideradas necessárias, de acordo com as autoridades sanitárias. O isolamento domiciliar deveria permitir uma vigilância assídua e rigorosa sobre os doentes³⁰.

Assim, o combate à *lepra* agora se tornava mais rigoroso devido à adoção do isolamento como principal medida profilática, porém no Ceará não foi bem assim, pois a *lepra* na década de 1920 não foi alvo de atenção das autoridades sanitárias, pois, como já foi dito, o serviço responsável pelo combate à *lepra*, era também responsável pelo combate às doenças venéreas e acabou dando mais atenção para elas, deixando a *lepra* em segundo plano. Devido a isso, muitos *leprosos* vagavam pelas ruas sem tratamento médico e o número de doentes só aumentava, o que acarretou as iniciativas já citadas por parte do jornal O Nordeste, tanto para cobrar mais atenção das autoridades sanitárias no combate à doença, como para organizar as ações necessárias para a construção do leprosário para isola-los, bem como para manter a instituição em questão. Assim, sem dúvida nenhuma, o jornal O Nordeste foi uma peça fundamental para que o isolamento fosse aceito entre a população e o primeiro leprosário do Ceará fosse erguido.

O jornal O Nordeste, ainda em seu primeiro ano de circulação, em 1922, já trouxe em suas páginas um considerável espaço para a questão do leprosário no Ceará. As matérias publicadas no periódico no referido ano refletem, principalmente, certo descontentamento por parte do jornal pela falta de ação governamental no combate à *lepra*. Também já mencionava e defendia, ainda timidamente -, a necessidade de criação de uma leprosaria no estado do Ceará como forma de controle da doença. Abaixo trechos que caracterizam o posicionamento do jornal O Nordeste durante o ano de 1922:

Esperámos, com a nota de dias atrás, que as autoridades sanitarias, os responsaveis pela saúde publica, viessem lavar a sua testada, especificar as medidas que têm tomado contra o mal, ou explicar a sua inacção, se nada, realmente, têm feito, como parece mais certo. Nada, porem, conseguimos. Os homens publicos do Brasil, a contrario dos homens publicos de todos os países, entendem que não devem conta ao povo dos seus actos e se obstinam num mutismo que só lhes pode ser prejudicial, pelos maus juizos que a respeito delles se formam, muitas vezes injustamente. Mas nós estamos aqui, com procuração do povo, para lhes tomar essas contas...³¹.

O desenvolvimento da *lepra*, o aumento do numero de atingidos está exigindo serias providencias sanitarias, para evitar a sua propagação: a primeira, e absolutamente inadiavel, é a organização de um lazareto, em ponto afastado, onde

³⁰Ibidem, p. 48-49.

³¹Ainda a morphéa. O Nordeste. Fortaleza: 26 de setembro de 1922, p.1.

sejam recolhidos os morpheticos da cidade, cuja existência não é crível que a hygiene publica desconheça³².

Os trechos acima representam o posicionamento do jornal em relação à *lepra*. Percebe-se que não media palavras ao atribuir às autoridades sanitárias a responsabilidade pela disseminação da doença, devido a sua omissão. Cobrava incisivamente que o combate à *lepra* ocorresse de mais forma eficiente e sistemática, tanto que chegava a afirmar que outras doenças recebiam mais atenção das autoridades, e que a *lepra* é tão relevante quanto elas: “Tanto quanto as molestias venereas e as endemias ruraes dos sertanejos, que a commissão sanitaria federal está combatendo nos postos de prophylaxia do interior, a morphéa lhe devia merecer os mais serios cuidados”³³.

Já com relação à ideia de isolar os doentes, o jornal ainda não tem uma postura tão incisiva, Porém, sugere a importância do isolamento utilizando como argumento, principalmente, o perigo do contágio oriundo do contato direto com os doentes, mas ainda sem tomar nenhum tipo de iniciativa para que isso aconteça: apenas cobrando ações governamentais, ou seja, percebe-se já o discurso do medo, ainda que timidamente, sendo disseminado. As metáforas da caridade ainda não se fazem presentes nesse primeiro momento.

No primeiro semestre de 1923, o jornal continuava cobrando ação das autoridades e alertando a população do perigo da *lepra*. Já no segundo semestre de 1923, a doença ganhava um espaço maior na folha católica, pois, segundo o periódico, o então presidente do Estado Ildefonso Albano havia demonstrado um maior interesse no combate à enfermidade e estava disposto a construir a primeira leprosaria cearense:

O sr. Presidente, Ildefonso Albano, trata, carinhosamente do assumpto na mensagem á Assembléa, e mostra-se interessado na construcção do leprosário, agora que os recursos financeiros do Estado dão ensejo a essa medida, que há tanto tempo se impõe. Animada do mesmo desejo e aproveitando a boa vontade de s. exc, a classe medica do Ceará resolveu, pelo seu órgão legitimo, o Centro Medico, promover uma reunião, em que se discutisse e esclarecesse, suficientemente a materia³⁴.

³²A urgencia do combate á lepra. O Nordeste. Fortaleza: 6 de julho de 1922, p.1.

³³Ainda a morphéa. O Nordeste. Fortaleza: 26 de setembro de 1922, p.1.

³⁴O problema da lepra. O Nordeste. Fortaleza: 17 de julho de 1923, p.1.

Assim, a doença passa a ser discutida de forma mais sistemática, inclusive pelos médicos. Pode-se citar como exemplo, a atenção que o Centro Médico Cearense³⁵ (CMC) dispensou para discutir a melhor forma de se tratar a *lepra* no estado. Segundo o jornal O Nordeste, em reunião do CMC, os médicos divergem sobre a real eficácia do isolamento, mas tomam a seguinte decisão:

Em resumo, ahi ficam as resoluções da brilhante assembléa dos nossos clinicos, das quaes bem resalta que o problema despertou, em todos, o mais vivo interesse e está em vias de ter realização pratica. Para isto, a solução que se evidenciou victoriosa foi a de construir uma colonia de leprosos, em que se aproveite o trabalho dos validos, com hospital de recolhimento para os invalidos. Isto, quanto aos que se sujeitem ao isolamento publico. Aquelles que não se lhe submettem, serão obrigados a isolar-se no proprio domicilio, seguindo prescripções da hygiene publica³⁶.

Dessa forma, a aceitação pública da prática isolacionista por parte dos médicos cearenses e a notícia da possível construção de uma leprosaria por parte do governo estadual, coincidiu com um aumento no número de reportagens na folha católica e com uma alteração na postura do periódico, que além de acompanhar o processo de escolha de um terreno para o leprosário³⁷, também passou a ressaltar mais incisivamente o perigo dos *leprosos à solta* na capital cearense:

Entre nós, o problema mais urgente e palpitante a resolver é a da defesa da lepra, que ameaça empolgar a nossa população, como um grande polvo de mil tentáculos. Não é somente nas classes baixas que ella vae se infiltrando pavorosamente, mas já são muitas as suas victimas colhidas nas classes superiores, tão clomuns de suas prerogativas³⁸.

Como este pobre doente que se encontra reduzido á maior penuria e inteiramente abandonado, ha muitos outros em nossa terra. Esse caso concreto vae aqui registrado para effeito de se ver a urgencia de ser levada a cabo a construcção de uma leprosaria nesta capital. Além do grande perigo do contagio da morphéa, os enfermos de tão terrível morbus não encontram um refugio para a sua desgraça. Os poderes publicos têm o dever de procurar solucionar o problema gravissimo da propragação da lepra³⁹.

³⁵O Centro Médico Cearense (CMC) foi uma associação, inicialmente, formada pelos profissionais de saúde do Ceará (médicos, dentistas e farmacêuticos) com o objetivo de difundir os ideais e os interesses da classe médica cearense. Cf: GARCIA, Ana. **A ciência na saúde e na doença: Atuação e prática dos médicos em Fortaleza (1900-1935)**. São Paulo: PUC-SP, Tese de doutorado em História Social, 2011.

³⁶O problema da lepra. O Nordeste. Fortaleza: 18 de julho de 1923, p. 1-2.

³⁷Os debates em torno de um local para a instalação de um leprosário geraram muita polêmica porque município nenhum queria abrigar um espaço oficial para os *leprosos*.

³⁸O problema da lepra. O Nordeste. Fortaleza: 29 de agosto de 1923, p 1.

³⁹Precisamos de uma leprosaria. O Nordeste. Fortaleza: 27 de janeiro de 1925, p.2.

Assim, o discurso do periódico se voltava para a ideia da *lepra* como um perigo, causando medo na população e justificando o isolamento, mas ele também lançava o seu olhar para as reuniões, os debates e as propostas em torno do suposto leprosário, bem como passou a participar ativamente das discussões acerca da escolha desse local, pois além de sempre está cobrando ações, defendendo o isolamento e relatando o perigo e o aumento dos números da *lepra* na capital, também passou a acompanhar e opinar, publicando matérias que relatavam sua opinião sobre as ações empreendidas, utilizando, muitas vezes, matérias escritas por médicos⁴⁰, como por exemplo, do Dr. Anselmo Nogueira⁴¹:

Como até aqui não se conseguiu ainda um tratamento positivo da lepra, é de bom criterio evitar a sua propagação por meio de uma prophylaxia rigorosa, cercando os leprosos de uma boa hygiene e de todo conforto, afim de não andarem a mendigar os meios de subsistencia pela via publica; fazendo da casa do leproso uma vivenda hollandesa onde, ao par do mais rigoroso asseio, haja flores para lhe alegrarem a vida. Pelo que acabamos de expor se poderão calcular bem os grandes beneficios que decorrerão para a nossa população do estabelecimento de uma *leprosaria* – *colônia*, co que vai dotar o Ceara o exmo. Sr. Ildefonso Albano, que marcará, no seu governo, uma epoca de perduraveis melhoramentos⁴².

Percebe-se no discurso médico a ideia da doença como um perigo que deveria ser afastado do convívio dos sãos. E cada vez mais, os médicos vão se pronunciar a esse respeito. Assim, acredita-se que algo que pode ter contribuído para a veemência dos discursos do jornal a cerca dos perigos da doença e a favor da construção de um leprosário está no amplo apoio da comunidade médica a tal proposta. Desse modo, a metáfora da *lepra* como uma doença que despertava medo entre a população ganhava maior sustentação.

Destaca-se que, com relação à escolha do terreno para a construção da instituição, as metáforas do medo também se fazem presentes, pois ninguém queria ter um leprosário na vizinhança e muito menos *leprosos* como vizinhos. Devido a isso e aos critérios de hygiene que o local deveria obedecer, a escolha de um terreno adequado não foi nada fácil:

⁴⁰É importante relembrar que em 1922/23 a ideia do isolamento não era ainda uma questão dada como certa (nem para os médicos e muito menos para a população), a legitimação da ideia do isolamento estava ainda por acontecer. O jornal, na tentativa de disseminar a necessidade de isolamento entre a população, utilizava não só o seu discurso, mas também divulgava artigos escritos por médicos que, certamente, contribuíram para legitimar o isolamento. Assim, nunca é demais enfatizar que a contribuição do jornal foi fundamental para a disseminação da importância de um leprosário.

⁴¹Joaquim Anselmo Nogueira foi um médico que viveu grande parte da vida no Ceará. Após idas e vindas entre o Rio de Janeiro e o Ceará, fixou residência no estado cearense em 1906, onde exercia a medicina, dedicando-se, principalmente à clínica de partos. STUDART, Guilherme. **Dicionário Biobibliográfico Cearense II**, edição fac-simile. Fortaleza: Iris, Secult, 2012.

⁴²O problema da lepra. O Nordeste. Fortaleza: 31 de agosto de 1923, p.1.

A escolha de um local apropriado para o leprosario colonia que o governo do Estado tenciona construir – atendendo a uma urgente solicitação da hygiene collectiva – tem sido o que se pode chamar uma espinha atravessada na garganta da commissão de medicos a quem foi commettida. Há varios meses, os illustres clinicos percorrem terrenos em diversas direcções, pesam vantagens e desvantagens, levantam plantas, etc, e ainda não conseguiram chegar a uma solução satisfactoria. [...] O problema é, realmente, difícil, pela necessidade de escolher um terreno em que se conjuguem as condições hygienicas que a sciencia impõe com prestimo para a cultura agrícola. [...] Alem do mais, têm-se levantado protestos e reclamações dos moradores das circumvizinhanças dos terrenos visitados na suposição de serem escolhidos⁴³.

Cada vez mais se desenhava que o terreno mais apropriado era o da Colônia Cristina, no distrito de Canafistula, em Redenção⁴⁴, embora certo terreno localizado no bairro de Porangaba também estivesse bem cotado. A ideia de construir a leprosaria em Porangaba era um pouco mais criticada, já a Colônia Cristina era mais aceita por ser bem mais distante da cidade de Fortaleza. Para corroborar com essa ideia, o jornal publicou uma série de artigos do Dr. Álvaro Fernandes⁴⁵ em que ele desaconselha à construção da leprosaria em Porangaba e defende a Colônia Cristina como o melhor local para a edificação da colônia de *leprosos*:

De accordo com a opinião geral das maiores autoridades no assumpto, tropicalistas francêses, inglêses, americanos e brasileiros. Leprosaria deve ser, antes de tudo, uma *Colonia agrícola e pastoril*, situada em vastas terras ou campos, isolada das populações validas, embora servida de estradas que facilitem os socorros. Basta esta consideração fundamental e preliminar para que um medico de consciencia não possa, de modo algum, aconselhar a installação de uma Leprosaria nos arrebaldes de uma Capital. [...] E' o que faço: não posso, não devo aconselhar tal instllação nas proximidades de nucleos urbanos. O contrario seria um erro irreparavel que acarretaria o clamor e a desolação publica, uma verdadeira deshumanidade praticada contra as populações validas⁴⁶.

A <Colonia Christina>, propriedade publica, dispõe de terras abundantes, destituídas de colecções liquidas superficiaes, o que as torna improprias á pupulação de parasitismo contra o homem. De modo que, superficialmente seccas, realizam um typo dos terrenos sanitarios, onde se faz espontaneo o saneamento. O provimento

⁴³O leprosário. O Nordeste. Fortaleza: 10 de abril de 1924, p.1.

⁴⁴A Colônia Cristina era um terreno de propriedade do Estado, localizado a 80 km da capital cearense, no distrito de Canafistula, hoje Antônio Diogo, em Redenção. O terreno já havia abrigado uma colônia de menores e estava sendo cotado para ser utilizado para a construção de uma colônia correcional penal. Informações retiradas de: O leprosário. O Nordeste. Fortaleza: 10 de abril de 1924, p.1; O mal de lazaro. O Nordeste. Fortaleza: 8 de maio de 1924, p.1.

⁴⁵Alvaro Octacilio Nogueira Fernandes foi um médico cearense que ficou conhecido e ganhou prestígio na imprensa após escrever sua tese de doutoramento sobre a loucura moral. Sua pesquisa foi muito aceita entre a imprensa, o que se lhe rendeu muitos elogios. STUDART, Guilherme. **Dicionário Bibliográfico Cearense I**, edição fac-simile. Fortaleza: Iris, Secult, 2012.

⁴⁶A propósito do leprosário. O Nordeste. Fortaleza: 29 de abril de 1924, p.2.

HISTÓRIA E CULTURAS

Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico em História da UECE

das águas pelo seu subsolo seria plenamente satisfatório, bastante ao uso da população assolada e aos misteres de sua indústria local⁴⁷.

A partir do que foi dito acima, pode-se concluir que o terreno da Colônia Cristina foi, cada vez mais, visto como adequado para a construção da leprosaria, terreno esse que já pertencia ao Estado, o que diminuiria os custos e obedecia a principal exigência: o citado terreno não era próximo aos núcleos urbanos. Nesse contexto de maiores definições acerca do possível leprosário, o perigo da *lepra* continuava a ser constantemente lembrado na folha:

Vagam pelas ruas da cidade inumeros morpheticos que vão espalhando aquella molestia incuravel e contagiosa ao extremo, entre o povo. No mercado publico, a pegar nas fructas e demais mercadorias expostas á venda; nas praças, a sentar-se nos bancos das nossas avenidas; nos bondes, nos cafés, em toda a parte, há a figura lamentavel de um doente de lepra a encher de panico muito natural a população⁴⁸.

No fim do ano de 1924, o periódico publica uma notícia que relata a fundação da Liga de Combate á *Lepra* (LCL) que organizou uma comissão cuja função seria arrecadar donativos para auxiliar o governo na fundação da leprosaria. Também é relatado nessa mesma notícia que já estava definido o local da edificação do leprosário: seria mesmo a já citada Colônia Cristina, no Distrito da Canafistula, em Redenção, a 80 km de Fortaleza⁴⁹. Foi, a partir desse momento, que o periódico aliou o uso da metáfora do medo ao discurso da caridade, ainda que de forma tímida⁵⁰. Posteriormente, o jornal passou a publicar diariamente o que era doado para auxiliar na construção do leprosário e para os *leproso*s, e noticiava as atividades empreendidas pela LCL.

Assim, o início de 1925 foi marcado, no jornal O Nordeste, pela divulgação de eventos em prol da edificação do leprosário: chás, exposições, festivais, leilões e inúmeras atrações que foram organizadas por particulares para a arrecadação de fundos para a construção da leprosaria cearense. Percebe-se que a metáfora da caridade, em consonância com a do medo, esteve presente no discurso que justificava a necessidade da construção da instituição. Este, aparece muito enfaticamente nos primeiros meses de 1925:

⁴⁷O mal de lazaro. O Nordeste. Fortaleza: 8 de maio de 1924, p.1.

⁴⁸O problema da lepra. O Nordeste. Fortaleza: 27 de outubro de 1924, p.1.

⁴⁹Liga de combate á lepra. O Nordeste. Fortaleza: 2 de dezembro de 1924, p.2.

⁵⁰Nos anos subsequentes a caridade se torna mais forte no jornal, pois ele passa a atuar tanto pedindo donativos para os doentes, como disponibilizando meios que facilitassem as doações.

HISTÓRIA E CULTURAS

Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico em História da UECE

Em seu intuito está sendo o Governo valiosamente auxiliado pela sociedade de Fortaleza, de cujo seio os melhores elementos, especialmente senhoras de respeitáveis famílias e a illustre classe medica, andam numa peregrinação piedosa a implorar, pelas ruas, á caridade da população da capital o obolo que ha de concorrer para que o fim seja atingido, attrahindo a gratidão dos infelizes para seus semelhantes e coestadanos⁵¹.

A morphéa, com todos os horrores que acompanham tão horrível doença, invade assustadoramente a nossa capital, todas as cidades, villas e logarejos do interior do Estado. Já é demasiadamente grane o numero de morphéticos, no Ceará todo especialmente em Fortaleza, para onde esses pobres immigram, na esperança de implorarem melhor a caridade publica. Si não levantarmos forte barreira ao seu maior desenvolvimento, daqui a pouco seremos todos atacados do terrível mal, tal é a força do seu contagio. Concorramos com o nosso auxilio, na medida e até acima das nossas posses, e ainda mais com o nosso trabalho e o nosso esforço, para que, o mais breve possível, seja construido o **Leprosario**, colonia que deverá abrigar todos os morpheticos, isolados do resto da população. O beneficio não é para alguns, é para todos: a defesa é nossa. Não esperemos só pela acção do Governo: a calamidade é publica. Abençoada será a nossa caridade⁵².

A “causa” dos *leprosos* sofreu certo desinteresse e as ações para a construção do leprosário foram menos frequentes durante a segunda metade do ano de 1925 e o primeiro semestre de 1926. O novo interesse na causa dos *leprosos* só vai surgir a partir do momento em que o coronel Antônio Diogo⁵³ se compromete a construir a primeira leprosaria cearense, como veremos mais a frente. Por isso, nossa hipótese é que, como não tinha uma prova mais concreta de que o leprosário seria edificado, já que o governo estadual não cumpriu o prometido, a população se desmotivou com a campanha, mas quando houve uma grande iniciativa que tornava o sonho de um leprosário e o fim do perigo da *lepra* mais possível, a população resolveu agir para garantir de todas as formas a edificação da instituição.

Porém, o jornal não se furtou em expressar seu descontentamento com tal situação e nesse momento, cobrava atitudes não só das autoridades, mas também da própria população, a fim de que as pessoas reiniciassem as doações em favor dos lázaros, ou seja, o periódico coloca a responsabilidade nas mãos da população, afirmando que não só o governo é responsável pelos doentes. É importante destacar que a folha faz isso utilizando as metáforas

⁵¹ Apello aos prefeitos, em favor do leprosário. O Nordeste. Fortaleza: 5 de março de 1925, p. 2.

⁵² Pró-Leprosario. O Nordeste: 26 de fevereiro de 1925, p.1.

⁵³ Antônio Diogo de Siqueira, mesmo sendo de origem simples, conseguiu, através do trabalho, se tornar um dos homens mais importantes do inicio do século XX, pois era um grande empreendedor em vários ramos de negócios, devido à sua importância econômica e política. No ramo da filantropia, se destacou pela criação e manutenção do Leprosário Antônio Diogo e foi sócio benemérito da Fênix Caixeiral e do Centro Artístico Cearense. Cf: ARAGÃO, Elisabeth. **A trajetória da indústria têxtil no Ceará**: o setor de fiação e tecelagem 1880-1950. Fortaleza: Edições UFC, 1989.

do doente como um infeliz, digno de compaixão a fim de despertar a caridade bem como objetivando reforçar o discurso da *lepra* como um perigo, para não deixar de suscitar o medo.

Muito se disse e, ahi, muito se fez, durante alguns meses, em prol da realização de uma das medidas mais urgentes e necessarias que se fazem mister, actualmente, para o bem estar, saúde e segurança do povo. O entusiasmo por essa idéa, porém, passou rapidamente, e hoje só nos lembramos dos morphéticos quando vemmos algum desses infelizes, forçados pela fome, perambular nas ruas da cidade, atrás do pão quotidiano que lhes falta quase absolutamente. Nesse vaguear incerto, vão os leprosos espalhando por toda a parte os germens da terrível enfermidade, da qual, nesta situação anti-hygienica, qualquer de nós poderá ser victima⁵⁴.

Segundo o periódico, temporariamente, as ações da sociedade em prol do leprosário praticamente ficaram esquecidas e os *leprosos* continuavam a vagar pela cidade, atrás de esmolas para garantir a sobrevivência. O jornal continuava a destacar o quanto esse contato constante com os doentes era perigoso e pernicioso. Tal cenário continuava amedrontando a população, pois o medo alimentado pelas metáforas relacionadas à *lepra* só aumentavam, porém nada era feito para conter o aumento do número de casos da doença, já que tanto as autoridades nada faziam e a caridade da população cearense havia cessado, como já foi relatado.

Em meio ao abandono da “causa” dos *leprosos* pelos grupos envolvidos, um grande “capitalista” que já havia trabalhado em várias campanhas diz-se disposto a ajudar na construção do leprosário: o abastado Coronel Antônio Diogo, já citado, que, retirando verba do seu próprio bolso, se compromete a iniciar as construções da leprosaria cearense. Essa atitude é bastante exaltada pelo jornal O Nordeste, o que ocasionou um novo entusiasmo para o combate à *lepra* na forma de iniciativas para a construção do leprosário.

“VAMOS TER UMA LEPROSARIA EM FORTALEZA”: AS INICIATIVAS PARTICULARES PARA A CONSTRUÇÃO DO PRIMEIRO LEPROSÁRIO CEARENSE.

No dia 14 de agosto de 1926, o jornal O Nordeste anunciou com bastante destaque, na primeira página do periódico: **Vamos ter uma leprosaria em Fortaleza**. Na matéria destinada a essa temática, o jornal enfatizava que o responsável por tal feito era o

⁵⁴A lepra. O Nordeste. Fortaleza: 11 de janeiro de 1926, p. 4.

Coronel Antônio Diogo de Siqueira. O coronel é bastante exaltado pelo seu ato e inclusive fornece, nessa mesma matéria, uma entrevista ao Nordeste esclarecendo o que iria ser feito. Ele afirma: “O que pretendo realizar é uma colônia de *leprosos*. Cincoenta casinhas higienicas, confortaveis com acomodações para 2 pessoas cada uma”⁵⁵. Essa novidade é vista como a solução para o problema da *lepra*, pois, como já citamos, a ideia de se construir uma leprosaria no Ceará já tinha sido proposta pelas autoridades em 1923, mas nada havia sido feito. Nesse sentido, o jornal exclama: “E seria então um homem que iria fazer o que os governos não podiam ou não queriam? Seria possivel?”⁵⁶.

Após Antônio Diogo se comprometer a construir as primeiras “casinhas” da colônia, ainda havia um impasse: Onde construí-las? O coronel Antônio Diogo desejava que fosse construída em um terreno de sua propriedade, localizado na estrada de Porangaba a Soure, porém as autoridades sanitárias desejavam que a leprosaria fosse construída na colônia Cristina, no terreno que pertencia ao Estado, como já havia ficado acordado em 1924. Mesmo sem o local definido para a edificação da instituição, pois a decisão foi deixada para depois, o ato de Antônio Diogo foi muito bem visto pela população, tanto que vários setores da sociedade retomaram a campanha, fazendo com que tais atos de caridade tomassem novamente as páginas do Nordeste e a questão da aquisição de fundos para o leprosário ganhasse nova visibilidade, agora partindo de dados concretos.

Nesse contexto, o jornal O Nordeste foi muito importante para que as campanhas em prol do leprosário renascessem, pois a folha católica dedicou muito espaço em suas páginas para as iniciativas de particulares, sempre incentivando que elas ocorressem com cada vez mais frequência. Dessa forma, o periódico voltou a publicar o que era doado pela população para edificação da leprosaria e também acompanhava e divulgava todo o processo de construção do leprosário, fazendo visitas ao local com a comissão responsável, dando sugestões, etc.

Nesses termos, O Nordeste passou a ocupar um espaço ainda maior como mediador entre Antônio Diogo, os beneméritos da *lepra* e o restante da população, fazendo com que toda a sociedade, principalmente a católica, pudesse ter acesso ao que estava sendo feito e se sensibilizasse e se mobilizasse cada vez mais em prol da construção da leprosaria.

⁵⁵Vamos ter uma leprosaria em Fortaleza. O Nordeste. Fortaleza: 14 de agosto de 1926, p.1.

⁵⁶Ibidem.

Durante esse período de tão intenso *campanhismo*⁵⁷ as matérias do jornal O Nordeste sobre a doença têm um grande destaque, pois quase sempre estão posicionadas na primeira página ou destacadas, devido ao tamanho das letras no enunciado. Isso aponta que o jornal tinha grande interesse em dar destaque para essa temática, chegando a publicar até mais de três matérias sobre a doença em um só dia.

Assim, através do ato de Antônio Diogo, a sociedade passou novamente a se mobilizar, e os acadêmicos de direito se destacaram por realizarem campanhas para a arrecadação de donativos tanto na capital, como no interior. Nas páginas do jornal O Nordeste é bastante frequente a exaltação das ações empreendidas por eles, demonstrando o quão importante era a caridade para que o perigo da *lepra* fosse, enfim, erradicado.

Num gesto digno dos maiores encomios, a juventude academica da Faculdade de Direito do Estado, desfazendo a balela de que o Brasil é uma necropole de moços, acaba de se congregar para uma campanha em prol da realização de uma das maiores aspirações do nosso povo. Compreendendo a grandeza do gesto do benemérito capitalista coronel Antonio Diogo de Siqueira e a urgencia da construcção de um Leprosario no Ceará, os moços academicos de Direito [...] encetaram, no seio da classe estudantil e das demais associações de Fortaleza, um altruístico movimento pelos que soffrem o terrivel e macabro mal de Hansen – ameaça constante e dolorosa da saude de cada um de nós. [...] Esse gesto que tanto nobilita esta piedade de moços merece applausos os mais vehementes e o apoio mais decidido das classes sociaes e das altas autoridades⁵⁸.

O periódico acompanhava todos os passos e ações dos acadêmicos de direito, sempre valorizando o ato dos estudantes. Neste sentido, abriu uma seção no jornal denominada Pró-Leprosário⁵⁹, possibilitando a toda à sociedade se dirigir a redação para doar e o jornal, além de repassar a quantia para os acadêmicos, publicava na sessão já citada o que era doado, quem e quanto doava. Essa estratégia acabava facilitando as doações, pois as pessoas que quisessem ajudar não precisariam encontrar os responsáveis pelo recebimento das doações: bastava se dirigir a sede do jornal. Por outro lado, também podiam ver seu nome figurando nas páginas do principal jornal da cidade, aliado a causa tão nobre. Assim, pode-se concluir que o jornal O Nordeste não só funcionou como apoio aos acadêmicos, mas também encontrou uma forma de ajudar e participar do *campanhismo* por eles empreendido,

⁵⁷Entende-se por *campanhismo* a ocorrência de um grande número de campanhas que têm o mesmo objetivo, no caso desse trabalho, o termo se refere às campanhas divulgadas no jornal O Nordeste com o objetivo da construção do leprosário cearense.

⁵⁸Precisamos de um leprosário. O Nordeste. Fortaleza: 17 de agosto de 1926, p. 1.

⁵⁹A referida sessão esteve presente também no ano de 1925 em campanhas em prol dos leprosos. Pró-leprosario. O Nordeste. Fortaleza: 26 de fevereiro de 1925, p.1.

desempenhando um papel de coordenador dessas campanhas no âmbito da sociedade cearense.

A sessão Pró-Leprosário foi diária no jornal O Nordeste, a partir de agosto de 1926, sempre noticiando as ações dos acadêmicos, a adesão de outros segmentos organizados ao movimento e também a quantia angariada para a edificação do local.

Outro assunto que é bem presente no jornal são as “convocatórias”. Os acadêmicos de direito com o apoio do jornal passaram a escrever espécies de notas convocando as “diversas classes” existentes para ajudar no combate à *lepra*. Essas “convocatórias” sempre se encontravam na primeira página, de forma bem destacada e se dirigiam a grupos como as classes trabalhadoras, a cúria metropolitana e as mulheres cearenses de modo geral, mas principalmente as mães. Abaixo, um exemplo dessa convocação em prol construção da leprosaria:

Antes de falarmos a outros espiritos bondosos, quisemos, primeiro, fazer-vos, a vós, mães cearenses, este appello, porque sabemos quanto amor, quanta dedicação, quanto espirito de sacrificio, guardam os vossos corações amigos, que são harpas colias de todas as angustias que nos esmagam a existência transitoria. Deveis ter visto, mães cearenses, quando vossos filhinhos, passaes pelas ruas mais centraes desta cidade, uns trapos humanos que vos estendem as mãos, pedindo-vos uma esmola. Muitas vezes, mães cearenses, nos dias de festa, nas horas de jubilo colectivo, deveis ter sentido a vossa alegria transformar em tristeza, ao contemplar a face desforme de alguns molambos vivos, na expressão mais triste da dor. Pois bem, mães cearenses, esses molambos vivos, esses trapos humanos, são homens ruídos pela lepra, são seres desventurados sobre cuja pelle a sorte maldita lançou a túnica lúgubre de Lazaro. [...] Trabalhar, mães cearenses, para evitar o contagio do mal, que ameaça a sociedade inteira, num crescendo assombroso, deve ser a missão de todos nós, de vós todas, que tendes filhos, que tendes corações que vos amam e cérebros que pensam em vós, mormente agora, mães cearenses, quando a alma de um patriota levanta a bandeira da philantropia no topo da grande realização por que hoje nos batemos, com todo o calor do nosso patriotismo⁶⁰.

Nesse trecho pode-se perceber que essa “convocação”, mesmo tendo o intuito de despertar a caridade, utilizava o medo para isso, pois na matéria é bem presente o apelo à caridade através da utilização de termos que remetem ao contágio e ao perigo da convivência com o *leproso*, ou seja, aponta que se a população ajudasse o *leproso*, também estaria contribuindo para que a sociedade ficasse livre do perigo da *lepra*.

O acompanhamento das decisões e ações em torno da construção do leprosário é constantemente relatado pelo jornal, já que o mesmo acompanhava todas as etapas desse

⁶⁰Pelos que soffrem o mal de lazaro. O Nordeste. Fortaleza: 18 de agosto de 1926, p.1.

processo. No dia 23 de agosto de 1926⁶¹, o periódico anuncia que o local escolhido para realizar a construção da leprosaria foi a Colônia Cristina e que as obras seriam iniciadas a qualquer momento. Até a conclusão das primeiras acomodações que Antônio Diogo resolveu fazer, ou seja, as 32 casinhas para os doentes, foi um período relativamente curto, porém, muito dinâmico segundo O Nordeste.

Todos os dias era publicada a sessão Pró-leprosário e nela eram listados além dos donativos arrecadados com a população, os eventos que eram organizados pelos diversos setores da sociedade em prol da construção da leprosaria como os chás, festivais, festas, entre outros; também eram noticiadas a adesão e organização de setores da sociedade para contribuir para a edificação da leprosaria, entre eles são bastante citados: A Liga Operária Pró-Leprosário, Grêmio Pio X, Phenix Caixerai e muito destaque para o Comitê Acadêmico da Faculdade de Direito Pró-Leprosaria.

Também é importante destacar que esse período não foi marcado apenas por atos de caridade, sempre que possível o jornal O Nordeste relembra (até mesmo nos pedidos de caridade, como já foi mostrado) o quanto era perigoso o contato dos doentes com a população, sempre fazendo uso da metáfora do medo entre a sociedade e tratando o isolamento como a melhor solução. Esse discurso parecia funcionar tanto como uma estratégia para acelerar as obras da instituição, como uma forma de reafirmar que a construção da leprosaria era o correto a fazer pelo bem-estar da população, tanto doente, como a sã.

Hontem, pessôa de fé relatou-nos um facto que horroriza. Um infeliz rapaz, contaminado pela morphéa, vendo uma creança recuar, num movimento instintivo deante do seu aspecto repellente, marchou para ella, tomou-a nos seus braços e beijou-a, em frenesi, repetidas vezes! A natureza humana, ferida no seu orgulho egoísta, tem dessas explosões de vingança comprehensíveis num temperamento revoltado contra a propria desgraça! Factos como esse têm sido varias vezes observados em doentes atacados de desespero. Veja se a que terrivel contagio está exposta a nossa indefesa população!⁶²

[...] E, peor ainda, querem por força transmitir o mal que lhes côrroe os nervos, usando de todos os expedientes, mesmo os mais condemnaveis, para satisfazer o seu medonho instinto. Estamos informados seguramente de que, de dez horas da noite em deante, morpheticos há que tomam os bondes da <Light> e nelles se esfregam e deitam, ficando, às vezes, sobre a madeira, pus das suas chagas⁶³.

E, como este, muitos e muitos outros casos se verificam, cada dia que passa, sem uma medida de repressão por parte da nossa policia sanitaria. De que, porém, a culpa

⁶¹Pró-leprosario. O Nordeste. Fortaleza: 23 de agosto de 1926, p.1.

⁶²O combate á lepra. O Nordeste. Fortaleza: 12 de fevereiro de 1927, p.4.

⁶³Pró e Contra. O Nordeste. Fortaleza: 11 de maio de 1927, p.4.

HISTÓRIA E CULTURAS

Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico em História da UECE

principal por este descaso pela nossa saúde? E' o que cumpre saber srs. médicos da policia do porto. A elles, dirigimos um appello vehemente por uma providencia energica e urgente que ponha termo, a taes inconvenientes, de que pode advir o espantoso e impressionante perigo do augmento da cifra do MAL DA MORTE entre nós⁶⁴.

E a melhor solução para o fim do perigo, segundo O Nordeste, é: “[...] a construção sem mais demora de um isolamento para os atingidos pelo mal da morte”⁶⁵. O processo de construção das primeiras acomodações da leprosaria levou em torno de três meses⁶⁶, porém, essa era apenas a primeira parte e ainda faltava muito para ser feito e a necessidade de novas verbas era imensa, já que o que Antônio Diogo tinha se comprometido a fazer, já havia sido feito. Assim, mesmo havendo ainda uma boa quantia arrecadada pela sociedade com o auxilio da imprensa, o jornal trás a tona novamente a falta de ação das autoridades na construção da leprosaria:

E' cada vez mais temerosa a situação dos habitantes desta capital em face da inércia dos poderes publicos no combate à lepra. Apesar do interesse que despertou a campanha popular em favor da construcção de um isolamento para os doentes, até agora as condições da cidade, abandonada à invasão de tão terrivel mal, não se modificaram. O governo do Estado não toma qualquer iniciativa no sentido de auxiliar a bôa vontade do povo. De braços cruzados, preside à contaminação progressiva da comunidade, sem uma providencia, sem a mais elementar medida de defesa collectiva. Todos os dias apparecem novos casos de infecção que são outros fôcos de disseminação do incuravel morbus. [...] Já a Leprosaria, construída em Cannafistula pelo benemerito cearense coronel Antonio Diogo, parece nem constituir objeto de cogitação dos que têm a responsabilidade de zelar pela saúde social⁶⁷.

O periódico, mais uma vez, demonstrou uma grande insatisfação para com as autoridades, que pareciam esperar somente pela ação particular. E realmente foi dessa forma que o leprosário foi construído, a expensas de ações particulares, já que as contribuições dos órgãos governamentais demoraram a aparecer e, apenas a doação do terreno, foi mérito do governo estadual.

Em 1927, além das cobranças do jornal para com as autoridades sanitárias, as ações caritativas continuaram muito presentes, na verdade, elas permaneceram bastante incisivas até a fundação da colônia. Festivais, chás, festas e inúmeras atividades para arrecadação de fundos continuaram a acontecer frequentemente com o propósito de conclusão

⁶⁴Desembarcam, livremente, morpheticos em Fortaleza! O Nordeste. Fortaleza: 23 de agosto de 1926, p.4.

⁶⁵O mal de lázaro. O Nordeste. Fortaleza: 13 de maio de 1927, p.4.

⁶⁶Pró-leprosaria. O Nordeste. Fortaleza: 26 de novembro de 1926, p.1.

⁶⁷O combate á lepra. O Nordeste. Fortaleza: 12 de fevereiro de 1927, p.4.

do leprosário. Porém, esses donativos não pareciam suficientes, pois parecia muito faltar para construir e as verbas oriundas da caridade não conseguiam suprir todas as necessidades, o que atrasou em muito o andamento da obra, já que o leprosário só foi entregue em agosto de 1928 e ainda não totalmente concluído.

Devido à ausência de verba, por mais que a comissão responsável⁶⁸ pela edificação da leprosaria (composta por Antônio Diogo, Dr. Luís Moraes Correia, secretário do Interior, Dr. Amaral Machado, chefe da profilaxia e o vigário geral Monsenhor Tabosa) se organizasse foi difícil inaugurar a instituição devido à insuficiência de recursos.

Monsenhor Tabosa, na comissão, exercia a função de presidente, e era muito exaltado pelo O Nordeste, talvez pela estreita vinculação do periódico com a Igreja e por Monsenhor Tabosa ter grande participação na folha. Dessa forma, existia grande comunicação entre o jornal e o referido religioso, facilitando a publicação de notícias sobre a edificação do leprosário. Em uma entrevista com Monsenhor Tabosa publicada no jornal O Nordeste, ele relata os problemas do leprosário, entre eles a falta de verbas:

Como já disse, o recurso de que dispomos não é bastante para levar a cabo a obra principiada. Os dinheiros dos academicos e de outras comissões, depositados no Banco do Brasil, à nossa disposição, podem chegar a 80:000\$000. O que isso é para obra de tão grande vulto? E' verdade que o coronel já fez muita coisa edificando as casas da colonia de leprosos mas falta ainda o resto. [...] Porque, somente com o auxilio da União, poderemos levar avante a construcção do lazareto em Canafistula. O problema é de importancia maxima e não pode ser resolvido pelo governo do Estado sozinho⁶⁹.

No trecho acima pode-se perceber que o apelo não parte mais apenas para o governo do estado, neste momento acha-se que a solução para a construção da leprosaria seria o auxílio federal, para que, enfim, o Ceará possa se ver livre do contato dito perigoso com a “caravana sinistra”⁷⁰.

Além de incentivar as doações para a construção do leprosário, o jornal O Nordeste também passou a publicar notas pedindo que a população doe para manter os doentes isolados em suas casas. Mesmo com as doações publicadas pelo jornal para manter os *leprosos* em suas casas sendo consideráveis, o periódico afirma que isso não é o suficiente,

⁶⁸A comissão foi nomeada pelo presidente do estado para a coordenação das obras de construção do leprosário. Trabalhos no leprosário. O Nordeste. Fortaleza: 13 de janeiro de 1927, p.4.

⁶⁹Pelo isolamento dos morpheticos. O Nordeste. Fortaleza: 29 de abril de 1927, p. 1 e 4.

⁷⁰Ibidem.

pois: “Alguns desses infelizes mais refractarios à gratidão, [...], vieram novamente ao nosso convívio social e continuaram a estender as mãos implorando a caridade publica [...]”⁷¹. Desse modo, a crença de que a única solução para o controle do mal de lázaro é a construção de uma leprosaria que se localize o mais distante possível da capital ganha cada vez mais força entre a sociedade, pois ela é vista como a única “salvação” para a população sã, capaz de promover o fim do medo da *lepra* na capital.

Assim, a contribuição do governo federal passa a ser considerada indispensável para a finalização da obra, pois apesar de todo o esforço dispensado as verbas arrecadadas não foram suficientes para dotar a leprosaria do mínimo necessário. Diante disso, o jornal continua a clamar a atenção federal para o caso da *lepra* no Ceará, até o dia em que se anuncia que a bancada cearense na câmara apresentou um projeto com o intuito de abrir um crédito de 500 contos para auxiliar na construção da leprosaria cearense⁷².

Porém, pelos relatos do jornal, esse auxílio não saiu do papel, pois o último posicionamento do O Nordeste a respeito desse tema é afirmar que nada foi feito⁷³. Assim, mais uma vez, o desfecho da construção da leprosaria ficou nas mãos de particulares. Desse modo, tanto as festas em prol do leprosário, como as doações continuaram a acontecer e a serem prontamente divulgadas pelo jornal.

O ano de 1927 terminou sem a inauguração do leprosário e o ano de 1928 iniciou muito parecido com o que foi 1927, com a movimentação de particulares para a construção da colônia. Porém, já em março de 1928, o jornal O Nordeste anuncia com bastante alarde que a leprosaria está quase pronta⁷⁴. Assim, se tem um novo ânimo, pois parecia faltar pouco para que o leprosário fosse inaugurado e os *leprosos* fossem definitivamente afastados da população sã. Portanto, a sociedade passou a se mobilizar mais ainda, já que afinal era do interesse de toda a população sã que os doentes fossem retirados da cidade o mais rápido possível.

O jornal O Nordeste intensificou a campanha pela finalização da construção da futura colônia e dispensa espaço em suas páginas para que a comissão responsável pela leprosaria publique o maior número possível de informações a respeito da conclusão da obra. Nesse período pré-inaugural as matérias e notas carregam nas tintas de caráter apelativo, nas

⁷¹Pró e Contra. O Nordeste. Fortaleza: 11 de maio de 1927, p.4

⁷²500 contos para auxiliar a construção do Leprosario. O Nordeste. Fortaleza: 2 de julho de 1927, p.5.

⁷³Os nossos telegramas de hoje. O Nordeste: Fortaleza, 11 de julho de 1927, p.1.

⁷⁴O leprosário de Canafistula preste a ser concluído. O Nordeste. Fortaleza: 1º de março de 1928, p. 1.

HISTÓRIA E CULTURAS

Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico em História da UECE

quais é pedido que a população não só doe para a construção da leprosaria, mas também para equipá-la, que agora é o mais necessário:

Dentro de 40 dias, precisamos inaugurar o nosso leprosario em Canafistula e temos necessidade dos socorros urgentes dos cearenses de bôa vontade para as installações do mesmo. [...] Sabemos que o commercio e o povo da nossa terra acham-se em serias difficuldades. O caso, porém, urge e as necessidades são prementes. Custa-nos demais pedir alguma coisa a quem tanto já nos tem vindo em auxilio. Mas, por uma causa como esta, de caridade altamente social, repetimos confiantes: Precisamos do auxilio dos cearenses de boa vontade para as installações da Directoria e das casas dos pobres morpheticos⁷⁵.

Assim, são solicitadas doações não só em dinheiro, mas também em objetos e móveis para a colônia e ainda de gêneros alimentícios para sustentar os doentes. Para facilitar a entrega dos donativos, o jornal O Nordeste utilizou sua antiga instalação na Rua Cel. Bizerril para receber as doações de toda a espécie⁷⁶.

Então, após anos de muitas campanhas, doações e apelos, o leprosário da Canafístula finalmente foi inaugurado, no dia 1º de agosto de 1928. É realizada a inauguração oficial da instituição com a presença dos personagens mais ilustres da sociedade e da comissão responsável pela construção da colônia⁷⁷. E assim, a partir do primeiro dia de agosto de 1928, a leprosaria da Canafistula (posteriormente Antônio Diogo, em homenagem ao seu benemérito) estava pronta para receber os *leprosos* cearenses. Evidentemente, ao cobrir o evento, o jornal faz questão de salientar que tudo que foi feito em prol dos *leprosos* no Ceará cabe somente à iniciativa particular, principalmente do coronel Antônio Diogo que iniciou todo o movimento popular em prol da construção da leprosaria⁷⁸.

Pode-se perceber então que o leprosário foi erguido graças às doações e ações particulares, juntamente com a atuação incisiva do jornal O Nordeste, que seguramente, foi o responsável por levar até a população a necessidade da construção de uma leprosaria e que era primordial, para que isso acontecesse, o auxilio de todos os cearenses. Embora, já existindo no período órgãos responsáveis pelo combate à *lepra* no Ceará, a sua construção ficou a cargo de iniciativas particulares, e o empenho com a “causa” dos *leprosos*, deu-se em grande monta,

⁷⁵Leprosario de Canafistula. O Nordeste. Fortaleza: 5 de junho de 1928, p. 5.

⁷⁶Caridade para com os infelizes leprosos! O Nordeste. Fortaleza: 21 de junho de 1928, p. 8.

⁷⁷Inaugurou-se, ante-ontem, o Leprosario de Canafistula. O Nordeste. Fortaleza: 3 de agosto de 1928, p. 1 e 5.

⁷⁸Ibidem.

em virtude do medo da *lepra* que foi despertado entre a população, principalmente pela ação discursiva do referido periódico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi apresentado, pode-se perceber que o jornal O Nordeste, através dos discursos construídos em torno da *lepra* desde sua fundação, em 1922, até a inauguração do leprosário da Canafístula, em 1928, desempenhou um papel fundamental para que o isolamento fosse legitimado entre a sociedade cearense e para que a instituição fosse edificada.

O que buscou-se demonstrar foi a atenção que Igreja Católica teve com relação a *lepra*, através do seu jornal, principalmente, a partir da exaltação da necessidade de um leprosário. Foi possível constatar que, para que essa necessidade se concretizasse, o periódico católico não só pressionou o Estado, mas também realizou campanhas de arrecadação de doações, entre particulares, para a edificação da leprosaria. Objetivou-se, assim, traçar um histórico da relação desse periódico com a endemia leprótica, mostrando que os discursos proferidos pelo jornal com relação à doença estavam centrados na cobrança de maiores ações das autoridades sanitárias e nas metáforas que tratavam a *lepra* com um perigo para a população sã. Tentou-se mostrar que, a partir de 1926, a atuação do periódico para a construção do leprosário centrou-se no uso constante de metáforas relacionadas ao medo e também à caridade, com a intenção de usar o primeiro para influenciar a ocorrência da segunda.

Dessa forma, através dos pontos abordados no decorrer desse ensaio, conclui-se que o papel desempenhado pela folha católica foi fundamental para a edificação do primeiro leprosário do Ceará. Uma hipótese não ventilada, mas não menos importante, é que o discurso da caridade enfatizado pela Igreja Católica, e tão veementemente defendido pelo seu órgão de comunicação, parecia visar e redefinir seu lugar nessa sociedade profundamente marcada por uma religiosidade popular, posto que nas primeiras décadas do século XX, no Ceará, era bastante comum um catolicismo penitente liderado por beatos e monges populares. Sem dúvida, a defesa da causa dos *leprosos* colocou em grande evidência a Igreja Católica, e de certo modo, pode ter contribuído para o papel político importante que vai desempenhar na década seguinte nesse estado.